

O ARGONAUTA

PERIÓDICO LITTERARIO, CRITICO E CHISTOSO.

PUBLICA-SE EM DIAS INDETERMINADOS.

(VIA VELA)

ANNO I.

Therresima — 23 de Julho de 1877.

N.º 3.

PACHY.

Socio do C. Lit. 2500 réis; do C. Lit. 1500 réis; do C. Lit. 6000 réis.

1.ª SERIE.

LITTERATURA.

Amor.

(Tradução do francez por A. Rubim Filho.)

O amor alimenta-se somente pelo sofrimento; extingue-se com a ventura, por que sendo feliz — é a perfeição dos mais bellos sonhos e todo o que é perfeito ou aperfeiçoado toca ao seu fim.

Mas o amor comprehende perfeitamente quanto ha de existir, sabe que deve nutrir-se de tormentos e é bastante engenhoso em crear incessantemente novos alimentos; sabe mais que os sofrimentos são as garantias da sua duração e inventa mil afflicções a fim de existir por mais tempo; conhece que o destino repulsa seus prazeres sutis e de privilegios injustos e apressa-se em expal-os por supplices a que se impõe tendo em vista faz-l-os padecer; soffre tormentos afflicções que esculpe para as infelices das reaes, que tanta no do lhe causam; faz-se invejoso sem razão de ser-o com justiça; inquietta-se loucamente diante perigos imaginarios para penpar o terrivel momento d'uma verdadeira afflicção; apaz-se em derramar lagrimas muerças; poderia estancar com uma unica palavra, para exaurir os prantos amargos da au sem-za e do abandono.

Muitas vezes, ah! chega ao ponto de trahir-se a fim de procurar a salvação profanando-se. Então a verdade — eis-a-aht! é o contrario do que se diz.

Ser amado!... é viver de agonias, é errar n'um deserto sem limites tendo a um cego por guia; é tremer a cada passo, e tremer pelo ente que se ama; é ter um juiz matévolo e fraco cujos conselhos interessados vos prejudicam; um juiz que não conhece nem os seus, nem os vossos defeitos e que censura todas as boas qualidades que vos ornão, porque são ellas que o fazem soffrer; é ter um inimigo traidor que tem o segredo da vossa fraqueza, que considera como crimes as mais nobres acções que praticas, e que se arma, no seu odio imaginario, das confidencias e declarações que lhe fazeis; é ter por alliado um traidor, um adversario implacavel, que em segredo luta sem descanso contra vós, prescutando todos os pensamentos que ten-

des; é dar asylo ao mais terrivel dos espíritos — o do escravo revoltado.

Ser amado!... é ver d'abnegação e de self-flança. Para um homem é renunciar a família, a cores do lar, successos, glorias, e algumas vezes mesmo é se deixar deshonrar.

Para uma mulher — ser amada, ou ao menos consentir que se a ame, é mentir d'istante a instante, é perder o repouso, a alegria, a razão, o pendor e o espirito!...

Oh! nos primeiros dias sem duvida o orgulho lisongeia-se, o coração treme-se e a mulher querida parece mais bella, tem mais confiança em seu poder; mais logo esta certeza se desliza, porque o inimigo só procura perdela.

Apolera-se gradualmente de todas as ilhas, absorve todos os sentimentos, apaga todas as lembranças, faz-se senhor d'essa alma e quanto mais se sente dominado mais absoluto se torna. Uma hostilidade orgulhosa trava-se entre elle e a mulher adorada.

A guerra declara-se involuntariamente; o amor... é a suprema injustiça... uma preferencia é sempre uma injustiça... mas quando elle faz pagar tão cara e ta preferencia! — quantta-censura, quanta pena, que aversão inextinguivel, que inveja minuciosa e provocadora!...

Cousa estranha! E como isto só faz? Tudo nesta mulher para elle é sympathia; não o é tanto todo o que diz e o que faz, comprehendemos, lhe desagradat! Tem elle razão de queixar-se d'ella?

Não. Porque então a atormenta sem cessar? Porque a ama!...

Porque esta mulher que outrora era tão espi-rituosa e divertida presentemente está sempre triste e inquieta? Porque é amada!...

Porque estoura que era tão elegante, tão coquette, que acompanhava a moda, que brilhava em todas as festas, hoje occulta sob longos véos, sob pezaes estofos torna-se tão fria e desairosa para todos? Porque é amada.

Por que ainda — esta senhora, cuja voz era tão sonora que tão bem cantava, não faz mais ouvir seus melodiosos sons? Porque é querida!... no entretanto foi justamente por sua voz que se a amou.

Porque finalmente esta mulher que escreveria paginas tão cheias de fogo e cuja imaginação era tão fértil, nem dramas, nem romances se occupa em escrever? Porque é amada e o amor que o

cioso dos seus poeticos pensamentos não lhe permite loucas imaginações, visto como tem a pretensão de realizar os seus mais doces sonhos e inveja todas as suas creações.

« O amor encanta a vida; quando se ama, o Céu parece mais bello, a onda tem mais fresquidão, o sol mais brilho, as aves um gorgueio mais doce.»

Onde então os poetas foram achar isto?

Quando se ama, pelo contrario, somente o objecto querido se vê; se elle presente não está, nada se observa, nada se ouve—sente-se sua falta e espera-se; se, porem, elle está as nossas vistas, unicamente a elle se vê, n'elle somente se pensa, o pouco importa então, verdadeira mente, que o Céu seja claro e que os passaros cantem bem.

Não é pois o amor que vem dissipar todos os outros prazeres? Crêde, por exemplo, que dous entes que se amam no dia em que estão descontentes um do outro (e quanto mais se ama tanto mais é facil descontentar-se) sejam mui sensiveis ás bellezas d'um sitio agradável e campestre? Crêde que o *dilettante*, outr'ora mais apaixonado, escuta com o mesmo delirio o seu canto favorito, quando um pensamento d'inveja o preocupa? Crêde que uma mulher se divirta n'uma conversação espirituosa, quando aquelle a quem ama n'ella deixa de tomar parte? O amor permite isto? Elle consentirá vegetar junto a si um outro?

Ao amor divino, ao filial, ao proprio amor materno, ao do paiz, ao das artes, ao da natureza, a todos elles destroe—e então cria triste solidão que nos cerca.

Então ser amado é ser proscripto, solitario, isolado, privado enfim.....

E' perder n'um só dia—afeições, talento, valor, personalidade, vontade, passado, futuro, n'uma palavra, tudo !.....

Eis aqui como uma bella existencia pode ser anuviada por um amor. O que será então d'ella se por infelicidade é presa de dous amores ?....

Julho—77.

(Fim)

Vozes d'Africa.

O ESCRAVO.

(Esta poesia não foi incluída na edição de 1876)

Deus ! ó Deus ! onde estás que não respondes ?
Em que mundo, em qu'estrella tu t'escondes
Embuçado nos céus ?

Ha dous mil annos te mandei meu grito,
Que embalde desde então corre o infinito...
Onde estás, Senhor Deus ?....

Qual Prometheu, tu me amarraste um dia
Do deserto na rubra penedia,
Infinito galé !...

Por abutre—me deste o sol ardente,
E a terra de Suez—foi a corrente
Que me ligaste ao pé....

O cavallo estafado do Beduino
Sob a vergasta tomba resupino,
E morre no areal,
Minha garupa sangra, a dor poreja,
Quando o chicote do *simun* dardeja
O teu braço eternal.

Minhas irmãs são bellas são ditosas...
Dormo a Asia nas sombras voluptuosas
Dos *harens* do Sultão,
Ou no dorso dos brancos elephantos
Embala-se coberta de brilhantes
Nas plagas do Indostão.

Por tenda—tem os cimos do Hymalaia...
O Ganges amoroso beija a praia
Coberta de coraes...
A brisa de Myssora o ceu inflamma;
E ella dorme nos templos de Deus Brahma,
Pagodes colossaes...

Europa é sempre Europa, a gloriosa !...
A mulher deslumbrante e caprichosa,
Rainha e cortezá.
Artista—corta o marmor de Carrara;
Poetisa tange os hymnos de Ferrara
No glorioso afan !...

Sempre o laurel lhe cabe no litigio...
Ora uma *l'roa* ora o *barrete-phrygio*
Enflora-lhe a cerviz,
O universo apóz ella—doudo amante—
Segue captivo o passo delirante
Da grande meretriz.

Mas eu, Senhor !... Eu triste abandonada
Em meio das areias esgarrada,
Perdida marchio em vão !
Se choro.... bebo o pranto a areia ardente;
Talvez...p'ra que meu pranto, ó Deus clemente !
Não descubras no chão.

E nem tenho uma sombra de floresta
Para cobrir-me, nem um tempo resta
No sólo abrasador...
Quando subo ás Pyramides do Egypto
Embalde aos quatro céos chorando grito:
«Abriga-me, Senhor !....»

Como o propheta em cinza a fronte envolve,
Vello a cabeça no areal que volve
O siróco feroz...
Quando eu passo no Sahara amortalhada...
Ai ! dizem: «La vae a Africa embuçada
No seu branco albornoz....»

Nem vêm que o deserto é meu sudario,
Que o silencio campeia solitario
Por sobre o peito meu.

Lá no sólo onde o cardo apenas medra
Boceja o Sphinge colossal de pedra
Fitando o morno céu.

De Thebas nas columnas derrocadas
As cegenhas espiam debruçadas

O horisonte sem fim....

Onde branqueja a caravana errante
E o camello monotono arquejante
Que desce de Ephraim....

Não basta toda de dôr, ó Deus terrível ?!

E', pois, teu peito eterno, inexaurível

De vingança e rancor?...

E o que é que fiz, Senhor?! que torro crime
Eu commetti jamais que assim me opprima
Teu glaudio vingador!

Foi depois do dilucio.... Um viajante

Negro, sombrio, pallido, arquejante

Descia do Ararat....

E eu disse ao peregrino fulminado:

«Chan, serás meu esposo bem amado....

Serei tua Eloá....»

Desde este dia, o vento da desgraça

Por meus cabellos ululando, passa

O anathema cruel;

As tribus erram do areal nas vagas,

E o nomada faminto corta as plagas

No rapido corcel.

Vi a sciencia desertar do Egypto....

Vi meu povo seguir—Judeu maldito—

Trilho da perdição....

Depois vi minha prole desgraçada,

Pelas garras d'Europa—arrebataada,

Amestrado falcão!...

Christo! embalde morreste sobre um monte...

Teu sangue não lavou da minha fronte

A mancha original.

Ainda hoje são, por fado adverso,

Meus filhos—alimária do Universo...

Eu—pasto universal....

Hoje em meu sangue a America se nutre

—Condor que transformara-se em abutre,

Ave da escravidão,

Ella juntou-se ás mais... irmã traidora!

Qual de José os vis irmãos outr'ora

Venderam seu irmão.

Basta, Senhor! De teu potente braço

Role atravez dos astros e do espaço

Perdão para os crimes meus!

Ha dous mil annos... eu soluço um grito...

Escuta o brado meu lá no infinito....

Meu Deus! Senhor meu Deus!!!

Castro Alves.

Vivamos do nosso amor.

E's o anjo que me guias

Neste mundo d'afflicção,

E's a paz e a harmonia

Do meu triste coração.

Os teus olhos são tão lindos,

Que mais bellos não verei,

São uns olhos tão vivaces

Que no meu peito gravei.

Esses teus negros cabellos

São fitas que me laçaram,

São veludos tão macios

Que meu peito tapisaram.

Tudo em ti é primasia,

Tudo em ti brilha vivaz,

Eu te amo e passo a vida

Neste mundo tão fallaz.

Tudo em ti é poesia,

Tudo brilha com fulgôr,

Sejamos duas florinhas

Espargindo o mesmo odor.

Eu serei um teu captivo,

Mimosinha e bella flôr,

Juntinhos tenhamos gosos,

Vivamos do nosso amor!

Abril de 77.

A. Rubim Filho.

A pedido

Honorato Moura.

Em todos os tempos e lugares parece que a humanidade soffredora sempre procurou e procura agradecer aquelles que concorrem para o seu bem quer moral, quer intellectual, quer physico.

No Piauí, porem, succede o contrario; vemos individuos que sem razão de ser procuram depreciar as pilulas da invenção do habil Sr. Honorato Moura, que tem procurado pelas suas laboriosas investigações proporcionar um linitivo aquelles que padecem.

No entretanto, não é isto d'estranyar—em todos os tempos e lugares ha tambem espiritos presumidos e criticos de mau gosto, que ciosos de uma gloria inda mesmo infructifera tendem em prejudicar d'alguma sorte a consideração, que outros pelos seus merecimentos adquirem.

E é por isso que viemos do alto da imprensa dar um grito de animação ao Sr. Moura, a quem pedimos que longe de dar ouvidos ás vozes invejosas, prosiga com o mesmo afan no louvavel e util trabalho que desde longo tempo encetou.

A opinião seria e justa dos homens sensatos, será o juizo critico escripto sobre o seu curioso, benefico e feliz labor.

VIAGENS A RÔDA DO GLOBO



Expediente. Recebemos pelos últimos correios: *O Despertador*, *Correio da Manhã*, *Estímulo*, *Escola*, *Jornal para todos*, *Revista Juvenil* e a *Ilustração Brasileira*. Este último é um dos jornais illustrados que prima pelas gravuras. A estampa—a Renúnciação—sobresale a todas as outras—é um typo singelo mas significativo.

Agradecemos a todas as suas redacções e promettemos enviar o nosso periodico.

Tivemos o prazer de ler um artigo sob a epigraphe—*Miserias, porem verdades incontestaveis*, fructo da intelligencia do Sr. capitão José de Lemos. Ah! analisa elle os abusos do governo em quasi todos os ramos do serviço publico e demonstra em claros quadros—o infeliz estado em que se achá a nossa patria. Sentimos que a modestia desse distincto ancião procure subtrahir da luz da publicidade um tão importante escripto, digno seja duvida de dar-se ao prelo.

Os maranhenses preparam uma grande festa para solemnizar o faustoso dia 28 do corrente, anniversario da independencia de sua provincia. E' uma prova bastante significativa do amor e patriotismo, que dedicam ao seu terrão natal.

Depois de abrir-se a mala do correio por Caxias a 22 do corrente foi que ouvimos do outro lado o tiro.

Se é progress-o—vade!...

Os cidadãos pacíficos são insultados em pleno dia e nas ruas mais publicas da cidade, as suas casas são arrombadas á força das pedradas dos caceiros e ebrios; procura-se uma praça e tudo dorme! E' assim que a segurança individual soffre em seus direitos até que cheguem os factos ao conhecimento de autoridades superiores que de alguma sorte procuram desafrentar os offendidos.

Thiers.—Completo a 16 de abril 80 annos O unico encommodo que se lhe conhece é uma ligeira titillação nas palpebras. Dotado de uma memoria prodigiosa conta com irresistivel magia. Alguem se admirava de seu inexgotavel arsenal de narrativas.

—Meu amigo, respondeu Thiers, contar é proprio da velhice. A mocidade é o romance, e a velhice é a historia.

Parece incrível.—Lê-se no *Globo*:

Declarou-se ao Sr. presidente de Sergipe que não se pode nomear carcereiro para os lugares, onde não heuver cadeia.

Ora veja quanto papel, tempo e trabalho se dispenderam para resolver aquella importante questio. Esses presidentes ás vezes temidozas! Querer por força encarcerar si em cadeias é o mesmo que por almitente sem esquadras!

Do Jornal para todos:

«Deixem-se lá de historias, dizia um sapato melido a sabichão,—Napoleão foi um grande homem, mas assim mesmo não chegou a calcanhares de Bonaparte.»

Arso aos medicos.—Lê-se no *Outro-mundo* jornal dos mortos:

Actos officiaes.—Satanaz XXVII, pela colei Dami, rei do Inferno, a todos que o presentivem, maldição; considerando que a medicina não fez progresso na terra, e depois de ter o ferenciado com seus ministros, decretou o que se seguiu:

«Art. 1.º Todos os medicos que d'ora em diante chegarem ao meu imperio serão immediatamente atecados de duas ou tres enfermidades das mais dolorosas, escollidas entre as que elles não semberam curar.

«Art. 2.º Seus autores clientes e especialmente os que forem mortos por incuria, fraqueza, ignorancia ou qualquer outra causa, serão encarregados de seu tratamento.

«Art. 3.º Estes empregarão o zelo e a intelligencia que os medicos out'ora lhe dispensaram.

«Art. 4.º Lhes farão tomar por diversos meios mil drogas infectas.

«Art. 5.º Os tratarão alternativamente pelo allopathia, homeopathia, hydropathia, electropathia e geralmente por todas as pathias inventadas por esses senhores para enterrar o genero humano.

«Art. 6.º Quanto mais soffrerem os medicos, mais devem os clientes babar-se de os terem curado.

«Art. 7.º Os medicos não curarão !!!...»

O catallereiro Reginaldo tendo d'abrir no dia 1.º d'agosto a sua loja—á perfumaria e com todo o aseo possivel espas-do illustrado publico sua protecção.

Cousas da epocha.—(A casa do cidadão (fixavel pela const.) varejada, luctu travada entre o juizado de direito e presidente, os pilulos do Sr. H. Moura em scena, assembléa sem trabalhar e os deputados recebendo o subsidio, quebradeira na bolsa do Argonauta, a policia dormindo, falta absoluta de cereaes e de l'argent, tísica na provincial, filança no peso da carne pelos açougues, cães pelas ruas etc.

Charada. 2—2 Esta proposição e esta paixão é um apellido.